

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 1 Nº 9 «««»»» 10.09.97

Bendito o que, na terra, o fogo fez e o teto;
e o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo;
e o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjeto,
fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;

e o que o ferro forjou; e o piedoso arquiteto
que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo;
e o que os fios urdiu; e o que achou o alfabeto;
e o que deu uma esmola ao primeiro mendigo;

e o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o pano;
e o que inventou o canto e o que criou a lira;
e o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano...

Mas bendito, entre os mais, o que, no dó profundo,
descobriu a Esperança, a divina mentira,
dando ao homem o dom de suportar o mundo!

Benedicite! Olavo Braz Marins dos Guimarães Bilac (1865/1918)

Na corrida à escola
tropeço a meio caminho –
trina um canarinho! Clicie Maria Angélica Pontes

O enterro do menino rico
encontrou com o enterro do menino pobre
na porta do cemitério.
O pai do menino pobre
pensa que o filho morreu por falta de recursos.
O pai do menino rico
não sabe a que atribuir a morte do seu filho.

Vontade de Quem? Ismael Nery (1900/1934)

HAIJINS ARGENTINOS

**Calles mojadas...
me acompañan la luna
y algunas ramas.**

Liria Miyakawa

**Partió el poeta
sólo, a la madrugada
hay crisantemos.**

Maria Haydee Aguillar Campos
(En memoria del artista
Kubota Tomiji, su maestro.)

HAICAIS DE PRIMAVERA

**Dia do Professor
em cima da velha mesa
maçãs e flores.**

Carlos Roque Barbosa de Jesus

**As flores! Mobília,
com saudade, estala e range:
jacarandá chora!**

Maria de Jesus Baptista de Mello

**A mata fechada
menino com estilingue
um ninho de pássaro.**

Cecy Tupinambá Ulhôa

**Vestidos floridos,
na vitrina iluminada.
A moda vernal.**

Maria Reginato Labruciano

**Igreja enfeitada
por flores de laranjeira.
Será casamento?**

Djalda Winter Santos

**O ninho sem cria,
o sol dorme no horizonte
na tarde vadia.**

Mauro Macedo Coimbra

**Criança da selva
saúda em versos Anchieta...
– Obrigado mestre!**

Fernando Lopes de Almeida Soares

**No beiral da casa
num trinado retinido
gorjeia o canário.**

Miguel Jorge Malty

**É manhã de luz.
Canários cisçam nos campos;
réplicas no céu.**

Humberto Del Maestro

**Crianças alegres,
boquiabertas com o canto
dos canários belgas.**

Olíria Alvarenga

**A tua beleza,
meu jacarandá em flor,
enfeita meu lar.**

João Batista Serra

**No verde infinito,
um jacarandá florido
enfeita a paisagem.**

Sueli Teixeira

**Um canto brejeiro
na tarde vai se alongando –
canário feliz!**

Leonardo Cezário dos Santos

**Escolas em festa.
No Dia do Professor
aula diferente.**

Theressa Costa Val

**À nuvem mais baixa,
o jacarandá alcança
com beijos lílases.**

Leonilda Hilgenberg Justus

**Cartões de parabéns!
Coração velho se agita...
Dia do Professor!**

Yara Shimada Brotto

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava em casa cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusoe.
Comprida história que não acabava mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu
chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
– Psiu... Não lembra o menino.
Pára o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

Infância, Carlos Drummond de Andrade (1902/1987)

Arranha o aquário
e os sonhos aprisionados
– filhote de gato. Teruko Oda

Adam Smith (1723/1790), citado por Flávio Pinheiro (O Entulho Inflacionário, Veja 30/28 de 16.07.97):
“A opulência dos ricos pressupõe a indigência da maioria.”



Kigos para os três haicais a serem enviados

Até o dia 10.10.97

Azálea, Bem-te-vi, Garoa, Jabuticaba, Sete de Setembro, Urubu.

até o dia 10.11.97:

Araponga, Flor de Goiabeira, Pipa.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filme. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos). O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo (termo de estação), com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) em cada um dos respectivos três versos, com sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher três haicais conforme cada conjunto de kigos acima, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. – * Enviá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, kigos diferentes do mês, isto é, pode-se repetir ou não quaisquer um deles nos três haicais.

2. Posteriormente o haicaista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10 % deles.

3. O haicaista se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro e centralizado, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

¡Arboles!
¿Habéis sido flecha
caídas del azul?
¿Qué terribles guerreros os lanzaron?
¿Han sido las estrellas?

Vuestras músicas vienen del alma de los pájaros,
de los ojos de Dios,
de la pasión perfecta.
¡Arboles!
¿Conocerán vuestras raíces toscas
mi corazón en tierra?

Arboles, Federico Garcia Lorca (1809/1936)

Este é um canto da terra.
E eu andei longo tempo à espera de um canto da terra.

Este é um canto de primavera.
E eu andei longo tempo à espera de um canto de primavera.

De um canto forte como os rebentos de uma planta jovem,
forte como a explosão dos brotos novos,
forte como a irrupção do primeiro filho no ventre materno.

Este é um canto da terra,
um canto de carne,
um canto de primavera!

E eu andei longo tempo à espera desse canto de primavera!

Canto da Terra, Langston Hughes (1902/1967); trad. (?)

HAIJINS ARGENTINOS

**Maíz maduro
cabelleras al viento
de mil doncellas.**

Maria Haydee Aguilar Campos

**Hoy por las vías
hizo su primer vuelo
una libélula.**

Neri L. Mendiara

HAICAIS EM FOLHA

**Tosca sepultura.
Folhas secas ocultando
um nome esquecido...**

Teruko Oda

**Quarto de quintal:
no baú de roupas velhas
ninho de gatinhos.**

Alba Christina Campos Netto

**Sob a árvore nua
repousam as folhas secas.
Natureza morta!**

Edmar Japiassú Maia

Edel Costa

**Janelas fechadas.
Lá fora, uma frente fria
pedindo passagem.**

Renata Paccola Frischkorn

**A velhinha varre
e as folhas secas se espalham
dois quadros de ocaço.**

Alba Christina Campos Netto

**Atrás das cortinas,
as janelas embaçadas:
chegou frente fria.**

Eduardo Lopes Vieira

**Gatinhos assistem
leve bailado no aquário...
Que será que pensam?!**

Mariemy Tokumu

**Abro um livro antigo,
encontro uma folha seca.
Já não me diz mais nada.**

Olga Amorim

**Bailam secas folhas...
levam perdidas lembranças
ao sabor do vento...**

Luis Koshitro Tokutake

**Mostrando ser “fera”,
gatinho eriça seus pêlos...
Briga com espelho.**

Sérgio de Jesus Luizato

**O vento assobia,
e mil folhas secas dançam.
Festival de inverno.**

Maria Reginato Labruciano

**Caem folhas secas
no ventre da terra fértil...
A vida renasce!**

Edmar Japiassú Maia

**Outono chegando,
o vento balança as árvores.
Borboletas marrons.**

Eduardo Lopes Vieira

**Junto a um pé de primulas
uma gata lambe a cria.
Natureza em festa.**

Darly O. Barros

**A tarde é de calma.
Na varanda a bola rola...
Gatinho brincando.**

Humberto Del Maestro

DENTRO DO BOSQUE

Ryunosuke Akutagawa (1892/1927)
Tradução: Antonio Nojiri.

DEPOIMENTO DO LENHADOR INQUIRIDO PELO JUIZ DE INSTRUÇÃO ①

Isso mesmo. Quem descobriu aquele cadáver fui eu. Como de costume, cortava cedro, esta manhã, na montanha. Nisso, no interior do mato, sobre a encosta, dei com ele. Em que local o encontrei? A uns cento e cinquenta metros do caminho da estância de Yamashina. Lugar ermo, onde magros cedros se misturam com bambus.

O cadáver, de vestimenta anil-claro e chapéu à moda da capital, caíra de costas. Recebera somente um golpe de espada; mas, como se tratava de um pontapé, à altura do coração, pareceu-me que as folhas secas de bambu, ao redor estavam tintas de púrpura. Não senhor, o sangue já não corria. Crio que o ferimento secara. Além disso, uma mutuca se agarrara a ele, e nem pareceu notar os meus passos.

Se encontrei espada ou alguma outra coisa? Não senhor. Não vi nada. Só uma corda, caída ao pé do cedro, ao lado. E, mais... é verdade, havia, além da corda, um pente. O que se achava ao redor do cadáver eram só essas duas coisas. Mas, como a relva e as folhas secas de bambu se achavam todas pisoteadas, certamente deve ter lutado muito, antes de ser morto. Como? Se havia algum cavalo? Não podem entrar ali, pois o lugar fica separado, por um matagal, do caminho por onde passam os animais.

DEPOIMENTO DO MONGE ANDARILHO INQUIRIDO PELO JUIZ DE INSTRUÇÃO

Ontem, realmente, encontrei o morto. Ontem, ao... bem, ao meio-dia, creio. Foi entre Sekiyama e Yamashina. Aquele homem vinha andando em direção a Sekiyama, em companhia de uma mulher montada num cavalo. Não lhe pude ver o rosto, encoberto pelo *mushi* ②. Notei apenas a cor de suas vestes. O cavalo era baio, de crinas aparadas, se não me engano. A estatura da mulher? Teria ela, digamos, um metro e quarenta?... Como sou monge, não sei muito bem dessas coisas. Quanto ao homem... Não senhor, ele estava com a espada e tinha consigo arco e flechas. Sobretudo, lembro-me ainda agora, muito bem, de que havia umas vinte flechas na aljava negra.

Que aquele homem fosse morrer desse jeito nem em sonho me ocorreu. Mas, em verdade, a existência humana é evanescente como orvalho matinal e breve como relâmpago. Pobre homem! Não tenho palavras que digam do seu infortúnio.

DEPOIMENTO DO POLICIAL INQUIRIDO PELO JUIZ DE INSTRUÇÃO

O homem que prendi? É, realmente, o famoso ladrão chamado Tajamaru. Ele teria caído do cavalo, pois estava a gemer em cima da Ponte de Awataguti. A hora? Ao anoitecer de ontem. Também na outra vez, em que não consegui prendê-lo, usava essa vestimenta azul e trazia consigo a mesma espada, com motivos em relevo. Agora, como se vê, carrega, além dessas coisas, até arco e flechas. Ah, sim? Nesse caso, quem praticou o homicídio foi indubitavelmente esse Tajamaru. Arco guarnecido de couro, aljava pintada de preto, dezessete flechas com penas de gavião... essas coisas todas devem ter pertencido àquele homem. Sim senhor. O cavalo era também, como diz V. Excia., baio de crinas aparadas. Ser derrubado por esse animal, parece castigo. Comia plumas verdes à beira-estrada, as longas rédeas arrastadas, pouco adiante da ponte.

Dos ladrões que infestam a capital, esse sujeito, Tajamaru, é um dos mais malvados. No outono do ano passado, na montanha que fica atrás do *Pindola* ③ do Templo de Toribe, uma menina e uma mulher que teria ido ali certamente pagar alguma promessa, foram encontradas mortas. Dizem que isto se deve a esse indivíduo. Se matou aquele homem, nada de bom se pode dizer da sorte da mulher que estava montada no baio. Sem querer importunar, peço-lhe que investigue também aquele caso.

DEPOIMENTO DA VELHA INQUIRIDA PELO JUIZ DE INSTRUÇÃO

Sim senhor. O cadáver é do homem com quem casei minha filha. Ele não era da capital, mas samurai do governo da província de Wakasa. Chamava-se Kanazawa no Takehiro, e tinha vinte e seis anos de idade. Não senhor. Não sei de ninguém que pudesse odiá-lo, pois tinha temperamento meigo.

Minha filha? Chama-se Massago, tem dezenove anos. Geniosa, tanto quanto homem. Mas até agora não teve outro companheiro a não ser Takehiro. O rosto pequeno e oval é moreno, com uma pinta no rabo do olho esquerdo.

Takehiro partira ontem, com ela, rumo a Wakasa. Mas, que triste sina carregaria para lhe acontecer uma coisa dessas?! E que teria sucedido a ela? Mesmo que fique resignada com a morte de meu genro, o destino de minha filha me preocupa muitíssimo. Peço-lhe, de corpo e alma, que procure saber do paradeiro dela, ainda que seja necessário vasculhar a própria relva. Odeio esse ladrão, Tajamaru ou o diabo que se chama. Não só o genro, e ainda minha filha... (Pôs-se a chorar e não se ouviu mais sua voz).

CONFISSÃO DE TAJOMARU

Assassinei aquele homem. Mas não matei a mulher. Onde encontrá-la? Isso nem eu sei. Eh, espere. Por mais que me torturem, não poderei dizer o que não sei. Depois, já que estou assim, não

pretendo covardemente ocultar fatos. Ontem, pouco depois do meio dia, encontrei-me com aquele casal. Nessa ocasião, por ter-se erguido, com o vento, o véu de seda que lhe caía do chapéu, vi num relance o rosto da mulher. Num relance... No instante em que pensei tê-lo visto, já ele havia desaparecido; mas talvez por isso, o rosto daquela mulher pareceu-me de uma *Bodhisatva* ④. Resolvi nesse átimo de tempo arrebatá-la, ainda que tivesse de matar o homem.

Qual, liquidar um homem não é tão grande empresa como pensam os senhores. Uma vez que se trata de roubo de mulher, necessariamente o homem deve morrer. Só que, na hora de matar, eu uso a espada que trago à cintura; enquanto os senhores não se valem da espada, mas do poder, do dinheiro, e, conforme o caso, da só palavra falsa, pretextando favores, pois não? É verdade que não corre sangue, e o homem continua perfeitamente vivo... mas, mesmo nesse caso, pode-se dizer que os senhores matam. Se pensássemos na gravidade do crime, seria difícil dizer qual de nós é pior, se os senhores ou eu (Sorri sarcástico).

Todavia, se fosse possível tomar a mulher sem matar o homem, não haveria o que reclamar. Aliás, pelo meu estado de espírito, decidira tomá-la evitando ao máximo exterminar o homem. Porém, semelhante façanha seria irrealizável naquele caminho da estância de Yamashina. Por isso, planejei levar o casal à montanha.

Muito simples. Ao me tornar companheiro de viagem, falei-lhes de um túmulo antigo na montanha; disse-lhes que o escavara e encontrara grande quantidade de espelhos e espadas; para que ninguém o soubesse, enterrara esses objetos dentro do mato, na encosta; se apanhasse algum interessado, vendê-los-ia barato. Gradativamente, o homem começou a se interessar pela minha conversa. E depois... Como é, não acham a coisa terrível? Depois, em menos de meia hora, o casal já estava, em minha companhia, cadiando o cavalo em direção à montanha.

Quando chegamos diante do matagal, pedi-lhes que me acompanhassem, a ver o tesouro enterrado ali. O homem, ávido de cobiça, evidentemente não manifestou nenhuma oposição. A mulher, porém, disse que esperaria, e nem apoeu. Era muito natural que assim procedesse, diante da intrincada vegetação. Isso também, na verdade, tinha vindo a calhar; assim, deixamos a mulher sozinha e entramos no mato.

Por algum tempo, só se viam bambus. Entretanto, a uns cem metros havia uma clareira com cedros esparsos... Para a efetivação do meu serviço não encontraria lugar mais apropriado. Abrindo caminho através dos arbustos, disse ao homem que o tesouro estava enterrado ao pé do cedro, – enfim, uma boa mentira. Nem bem ouvira essas palavras, avançou a toda força, rumo ao lugar indicado. Logo depois, com o rrear dos bambus, surgiram muitos cedros... Tão logo cheguei a esse lugar, agarrei de supetão o homem e o derrubei. Por se tratar de samurai, pareceu ter muita força; entretanto, apanhado de surpresa, não pôde se defender. Num abrir e fechar de olhos se viu amarrado à raiz de uma daquelas árvores. A corda? Felizmente sou ladrão e, para a eventualidade de escalar algum muro, eu a trazia à cintura. Naturalmente, para que não pudesse emitir voz, bastou-me encher-lhe a boca de folhas secas de bambu. Após dominá-lo, voltei ao local onde se achava a mulher e lhe disse que o marido fora acometido de mal súbito, pedindo-lhe que o acudisse. Que essa mentira também surtiu efeito, nem precisaria dizer. Abandonou o chapéu e, segurando minha mão, entrou para o fundo do mato. O homem se achava amarrado ao cedro... Ela o viu de relance e logo puxou o punhal, que havia retirado do seio, sem que eu percebesse. Jamais vira criatura de gênio tão forte. Se estivesse descuidado, teria o ventre aberto de um golpe.

Embora me esquivasse, poderia ferir-me ao receber o cego ataque.

Porém, eu também me chamo Tajamaru, e, finalmente, derrubei-lhe o punhal, sem precisar recorrer à espada. Ainda que geniosa, não pôde reagir quando se viu desarmada. Por fim, consegui, conforme desejara, possui-la, sem tirar a vida ao marido.

Sem tirar a vida... Isso mesmo. Não tinha intenção de matá-lo, depois do que ocorreu. Acontece que, quando me pus a fugir para fora do mato, deixando atrás a mulher caída, em prantos, esta, repentinamente, se agarrou ao meu braço como uma louca. E, ao que ouvi, dizia em gritos entrecortados: “morra ou você ou meu marido, – em todo caso, um de vocês” e “mostrar a vergonha a dois homens é mais penoso do que morrer”. E, ainda: “desejava ficar com o homem que sobrevivesse, não importando quem fosse” – também dizia ofegante. Nesse momento, apoderou-se de mim furiosa vontade de matá-lo (Excitação lúgubre).

Quando digo isto, certamente pode parecer que sou mais cruel do que os senhores. Mas os senhores não viram o rosto daquela mulher. Especialmente, não viram os olhos que num repente pareceram fulgurar. No instante em que senti meus olhos nos dela, desejei tê-la como esposa, ainda que um raio me fulminasse. Tê-la como esposa... pensava somente nisso. Não o que os senhores imaginam, vil concupiscência. Se nesse momento não houvesse experimentado outro desejo, eu teria seguramente fugido, ainda que precisasse derrubar a mulher a pontapés. Nesse caso, também o homem não teria de manchar de sangue minha espada. Entretanto, no instante em que, dentro

do mato obscuro, fitei fixamente seu rosto, disse para mim mesmo que não me afastaria dali sem antes assassinar aquele homem.

(conclui no próximo número)

① *Juiz de instrução*. No original, *Keishi*, autoridade a quem competia zelar pela ordem pública. Inquiria e julgava os delinquentes de Quioto. Cumulava as funções dos atuais delegados de polícia e juiz de direito.

② *Mushi*. Véu de seda finíssima, que cai de chapéu de abas largas.

③ *Pindola*. Palavra hindu, que designa estátua de madeira representando uma santidade budista. No Japão, é crença que os doentes se curam tocando-a.

④ *Bodhisatva*. Santidade budista, de beleza deslumbrante. Aqui, refere-se à Bodhisattva feminina.



VINTE SUGESTÕES PARA O HAICAI

As sugestões abaixo são de David Coomler, um dos mais polêmicos *haijins* (poetas de haikai) do grupo de Matsuyama, através da Chiki list.

Defensor do haikai tradicional, propôs até dividi-lo em modalidades, assinalando com um T os que seguem as antigas regras.

Angaria com igual facilidade adeptos e adversários para suas propostas, debatendo longa e incansavelmente suas posições. No auge de uma delas, foi-lhe textualmente perguntado se não tinha educação, tamanha a ênfase e paixão que colocou em seus argumentos: “...you don't have education, David...?”

Prefiro denominar de sugestões os vinte padrões – *standards*, – como ele os chama, esperando tornar assim esses verdadeiros “mandamentos” mais assimiláveis a nosso anárquico paladar: “don't try, do not use, do not be...”, “mandamentos interditórios”, em sua quase totalidade. Mas são válidos.

1. Não tente ser ou parecer inteligente nem espirituoso, nos haicais.
2. Não use muitas palavras, senão o poema perderá em nitidez.
3. Não use poucas palavras, senão ficará obscuro.
4. Não seja escravo da métrica, mas tente usar 17 sílabas ou menos.
5. Não faça filosofia – nenhum processo de pensamento lógico pode ser exibido.
6. Não compare uma coisa com outra.
7. Não fale de qualquer coisa ou fato como se eles tivessem um significado maior do que realmente tem.
8. Não tente causar surpresa ou impressionar com uma frase de efeito (*punchline*).
9. Não deixe de usar palavras de uso comum, necessárias ao bom entendimento do haikai.
10. Não pregue religião, crenças, moral ou ética.
11. Não use rimas finais nem internas nos versos.
12. Não use efeitos sonoros pela repetição de determinados sons.
13. Não compile nem use listas de palavras (*kigo*) do tema sazonal (*kidai*), mas tente sempre indicar a estação do ano em que se criou o haikai, mencionando-a, ou de forma indireta, sugerindo-a com clareza.
14. Evite colocar seu *ego* no haikai; evite o uso de *eu, me e meu*.
15. Leia haicais clássicos e observe os que causam efeito poético, os que não causam, e aprenda de ambos.
16. Evite assuntos inapropriados para o haikai, como romance, sexo, catástrofes, crimes, etc.. Haikai é expressão de coisas simples com palavras simples.
17. Não dê características humanas para objetos inanimados (ou fenômenos da natureza) ou para outras criaturas vivas.
18. O haikai deve transmitir sensações genuínas, sem produzir efeitos calculados.
19. O haikai deve versar sobre a natureza, não sobre abstrações.
20. Não caia no equívoco de pensar que poemas insólitos ou experimentais sejam haicais, apenas por terem sua métrica ou disposição dos versos semelhantes às do haikai.

Coomler, sabiamente, pondera que os padrões acima são para serem usados como instrumental para orientação, e não como regras indispensáveis, de caráter absoluto.

Alerta, porém, que o bom artista deve conhecer as regras de sua arte antes de resolver usá-las ou quebrá-las, para não ser apenas *naïf* (sem arte nem afetação).

Seria interessante discutirmos os tópicos referentes ao *kigo*, ao *ego* e a antropomorfização, ou outras quaisquer, em outra ocasião.

Douglas Eden Brotto
<kenzo@vnet.com.br>